

Administração

Enquanto alguns moradores manifestam-se a favor de que Maria de Lourdes continue administrando a Ceilândia, outros dizem que ela «vive construindo pracinhas ao invés de resolver os problemas prioritários».

Ceilândia também tem suas preferências

Os moradores da Ceilândia, com raras exceções, manifestam-se a favor de que Maria de Lourdes Abadia Bastos continue administrando a cidade-satélite mais pobre do Distrito Federal. A própria administradora, no entanto, se recusa a fazer qualquer comentário sobre a possibilidade de continuar à frente da comunidade, negando-se a informar se aceitaria ou não um convite do governador Aimé Lamaison neste sentido.

Feirantes, comerciantes estabelecidos e a população mais carente, de um modo geral, consideram que Maria de Lourdes «vem trabalhando em benefício do pobre», embora existam os descontentes, inconformados com a idéia de que a cidade seja administrada «por uma mulher».

O feirante Damião Paulino Siqueira, morador da QNM 23, lote 10, na Ceilândia Norte, chega a propor que a administradora «continue ao menos por uns quinze anos», apontando o calçamento da feira e a própria feira local, em si, como «uma das coisas boas que ela fez em benefício do povo». Geraldo Severino da Silva, morador da QNM 20, que já falou pessoalmente com Maria de Lourdes, também acha que ela «deve continuar» e cita — como a grande maioria dos que foram ouvidos — o fato de a satélite já contar com água e luz e com uma escola em cada quadra como os maiores benefícios.

“SÓ PRACINHAS”

Nem todos, no entanto, são favoráveis à continuidade da atual administração. O contador Waldecy Borges, morador da QN 3, Conjunto D, opina que «ela já deveria ter saído há muito tempo», pois «é preciso que a cidade seja administrada por um homem». Ele chega a se exaltar quando fala que Maria de Lourdes «fica só construindo pracinha», enquanto a cidade «tem tantos problemas» que se torna difícil até enumerá-los. Aponta as ruas de terra e, depois de algum tempo, protesta contra a ausência «de um posto de saúde», num desabafo que acaba coincidindo com o da administradora, inconformada — segundo declarou — com o fato de a Ceilândia, atualmente com cerca de 200 mil habitantes («uma população doente») não contar até hoje com um hospital.

CALADA

Em seu gabinete, Maria de Lourdes se nega a levantar hipóteses, inclusive sobre se aceitaria ou não continuar como administradora, embora entre seus assessores mais diretos seja possível notar uma esperança nesse sentido, quando, por exemplo, moradores do local a procuram para fazer reivindicações e ouvem de seus auxiliares a observação de que o problema apresentado poderá merecer estudo da administradora «se ela continuar».

Enquanto isso, Maria de Lourdes prefere destacar que Ceilândia «é uma cidade de problemas», que concentra uma superpopulação, de baixa renda, tendo em vista que não há um controle de migração das populações pobres do

meio rural. Destaca o fato de terem seus habitantes «a mais baixa renda do Distrito Federal» e enfatiza que pessoas que padecem de males como a verminose e a desnutrição precisam de um hospital. Destaca ainda problemas como o de transporte de massa e a falta de segurança entre os mais graves, para em seguida observar que a «infra-estrutura educacional da Ceilândia está completa», ressentindo-se somente da falta de professores.

EDUCAÇÃO

Dentro dessa estrutura educacional, a administradora adianta que está sendo feito um trabalho de desenvolvimento da comunidade partindo da escola, que inclui, além do fornecimento do lanche aos alunos, um programa que consiste em levar as mães dos estudantes a aprender a ler junto, com os filhos, recebendo ainda, na própria escola, noções de higiene e corte e costura. Dentro desse trabalho comunitário, faz questão de enfatizar a ação conjunta com os representantes das quadras residenciais, que, segundo informou, reúnem-se com frequência para o que chama de «debate comunitário», como em cada conjunto residencial há um representante, são feitas reuniões com a participação também da Associação de Pais e Mestres, «para que todos os problemas sejam levados ao conhecimento da administração».

LAMA E POEIRA

Com sérios problemas de infra-estrutura, com ruas enlameadas na época das chuvas e empoeiradas na época da seca, Ceilândia é uma cidade — e nisso há plena concordância entre os moradores e a administradora — «onde é impossível respirar em certas épocas do ano».

Maria Abadia afirma que esse problema vem sendo combatido através do «Projeto de Melhoradas Condições Ambientais», que inclui a «Campanha do Verde». Nesse programa — continua — os representantes de cada conjunto habitacional enviam à administração um pequeno relatório sobre as necessidades de cada local, especificamente, contendo ainda a relação de moradores que se dispuseram a receber, plantar e conservar uma árvore. A administradora garante que tem recursos para levar esse programa adiante, referindo-se ao apoio recebido pela Proflora, que já doou à comunidade 32 mil mudas de árvores.

ÁGUA

O problema do abastecimento de água, um dos criticados com mais insistência pelos moradores da cidade, que até hoje são obrigados a fazer uma espécie de «acionamento» para que o líquido todo não se esgote antes que sejam atendidas as necessidades básicas do dia a dia, somente será solucionado, segundo a administradora da Ceilândia, quando a CAESB substituir a rede provisória por uma definitiva, «tendo em vista que o problema de disponibilidade já foi sanado com a inauguração do Sistema Des- coberto».



Embora Maria de Lourdes se negue a levantar hipóteses sobre sua permanência na administração, seus assessores mais diretos demonstram grande esperança, principalmente quando dizem aos moradores que determinados problemas poderão ser estudados «se ela continuar».



Apesar de ter mais de 180 mil habitantes, a Ceilândia conta somente com um posto de saúde atendido por 18 médicos, e o diretor Aristeu Correa Costa diz que a cidade necessita, com urgência, de mais postos de saúde.

